



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

***CHEER*: AS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DE *CHEERLEADERS* E
A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS**

Gabriel Arroniz Piqueira e Silva

Rio de Janeiro/ RJ
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

***CHEER: AS REPRESENTAÇÕES MUDIÁTICAS DE CHEERLEADERS E A
DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS***

Gabriel Arroniz Piqueira e Silva

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Radialismo.

Orientador: Prof^a. Dr^a Chalini Torquato Gonçalves de Barros

Rio de Janeiro/ RJ
2023

CHEER: AS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS DE CHEERLEADERS E A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Gabriel Arroniz Piqueira e Silva

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Radialismo.

Aprovado por



Prof^ª. Dr^ª Chalini Torquato Gonçalves de Barros



Prof^ª. Dr^ª Maria Teresa Ferreira Bastos



Prof^ª. Dr^ª Júlia Cavalcanti Versiani dos Anjos

Aprovado em: 21/07/2023

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/ RJ
2023

ARRONIZ, Gabriel.

Cheer: as representações midiáticas de *cheerleaders* e a desconstrução de estereótipos / Gabriel Arroniz Piqueira e Silva – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2023.

57 f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2023.

Orientação: Chalini Torquato Gonçalves de Barros

1. *Cheerleading*. 2. Estereótipos. 3. Documentário. I. TORQUATO, Chalini (orientador) II. ECO/UFRJ III. Radialismo IV. Título.

DEDICATÓRIA

Àqueles que estão prontos para me pegar sempre que eu caio, seja de forma figurativa ou literal.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Lina e José, por me proporcionarem as melhores condições para eu conquistar meus objetivos e por seus esforços em me compreenderem e me darem amor.

Ao meu irmão, Leo, “por nossa sintonia e pelo mais sincero amor fraterno, cuja energia me preenche com cada abraço” (ARRONIZ, 2017, p.3). Precisei fazer essa citação pelo tanto que me inspira e me toca ter sua presença na minha vida. E ao meu cunhado, Júlio, por me acolher como um segundo irmão e pela leveza da sua companhia.

Às minhas amigas tão queridas, verdadeiras irmãs, Anna e Duda, por serem sempre um porto seguro para mim e me enxergarem como um todo, para além dos momentos, depositando um carinho e uma compreensão tão sinceros que me transbordam de amor.

Às minhas amadas gatas, Bolinha, Mia e Naya, por me fazerem companhia ao longo desse processo (mesmo que não tivessem outra opção) e me darem uma dose de alegria diária mais que necessária.

À minha orientadora, Chalini, com seu olhar cuidadoso sobre meu trabalho, e à minha professora de projeto II, Maria Teresa, com suas conversas motivadoras, por me darem confiança e me ajudarem a completar esse grande desafio que foi a monografia.

À minha psicóloga, Aline, por essa parceria de tantos anos que me faz crescer a cada dia. Se estou aqui é por sua sensibilidade, seu carinho e pelo tanto que trabalhamos juntos no meu processo de amadurecimento.

Alguns grupos que não poderia deixar de mencionar: ao GdA, por serem minha família escolhida e trazerem alegria para todos esses anos e os que ainda estão por vir; aos Quadrigêmeos, por terem feito minha primeira experiência acadêmica a melhor possível e mostrarem que eu era capaz de formar novas amizades verdadeiras; e ao Rolereco, por terem sido meus fiéis companheiros nessa jornada na UFRJ, me trazendo muitas experiências animadoras e parcerias indispensáveis.

À minha treinadora, chefe, amiga e referência, Nayara, por ter acreditado em mim desde o primeiro dia nesse esporte que se tornou meu conforto e sempre visto e investido no meu potencial, mesmo quando eu mesmo não via.

E, enfim, ao *cheerleading*, o esporte que me mostrou que se eu me dedico eu posso conquistar muito mais do que eu pensava ser capaz, que me ensinou que as coisas tem seu tempo e que nem sempre vamos conquistar tudo na hora que queremos, mas se persistirmos podemos chegar lá e me ensinou principalmente que pra muita coisa na vida não existe consistência e uma progressão linear, mas se você dedica seu tempo, sua energia e sua vontade de mudar para isso, com o passar do tempo você vai enxergando a evolução. Tudo isso foi necessário para este trabalho.

“A história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”

(Chimamanda Ngozi Adichie)

ARRONIZ, Gabriel. **Cheer**: as representações midiáticas de *cheerleaders* e a desconstrução de estereótipos. Orientador: Chalini Torquato Gonçalves de Barros. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Graduação Em Radialismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 57 f.

RESUMO

Esse trabalho busca acrescentar às pesquisas sobre o *cheerleading*, um esporte ainda pouco conhecido e estudado no Brasil, como forma de auxiliar na ampliação da atividade e na desmistificação da figura do *cheerleader*. O objetivo deste estudo é analisar através da mídia audiovisual como os estereótipos de gênero relacionados ao *cheerleading* destoam da realidade do esporte e como impactam a maneira que a atividade e seus atletas são encarados. Para servir de base, foi explorada a origem da prática e feita uma amostragem com séries fictícias para mostrar como costumam retratar *cheerleaders*. Foi feito então um estudo de caso da série documental *Cheer* (2020), onde é possível ver partes do cotidiano de um time universitário de *cheerleading* competitivo e depoimentos de seus atletas sobre esses estereótipos.

Palavras-chave: *cheerleading*, estereótipos, documentário

ABSTRACT

This work seeks to add to the research on cheerleading, a sport still little known and studied in Brazil, to help expand the activity and demystify the figure of the cheerleader. The objective of this study is to analyze, through audiovisual media, how gender stereotypes related to cheerleading differ from the reality of the sport and how they impact the way the activity and its athletes are seen. To create a basis for the research, the origin of the practice was explored, and a sample of fictional series was used to show how cheerleaders are usually portrayed. Following that, was done a case study of the documentary series *Cheer* (2020), in which it is possible to see parts of the daily life of a university competitive cheerleading team and testimonials from its athletes about these stereotypes.

Keywords: *cheerleading*, stereotypes, documentary

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Cheerleaders</i> homens em 1925.	15
Figura 2 – Dallas Cowboy Cheerleaders se apresentando.	17
Figura 3 – Time do Brasil conquistando prata no mundial de <i>cheerleading</i>	21
Figura 4 – Gráfico do país de origem das séries.	26
Figura 5 – Gráfico do gênero das séries.	27
Figura 6 – <i>Cheerleaders</i> performando durante o desaparecimento de Maddie.	30
Figura 7 – Meninos de <i>Glee</i> falando sobre as saias curtas das <i>cheerleaders</i>	32
Figura 8 – Cindy oferecendo cenoura de lanche para seu convidado.	34
Figura 9 – Menina recebendo assistência médica.	42
Figura 10 – Menina fazendo abdominais após Monica mandar.	45
Figura 11 – Morgan se olhando no espelho após se arrumar.	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CHEERLEADING: UM FENÔMENO CULTURAL, ESPORTIVO E BEM... ESTADUNIDENSE	14
2.1 A origem desmerecedora	14
2.2 Os papéis de gênero refletidos nos regulamentos	18
2.3 O “esporte”	20
3. A RECORRENTE ASSOCIAÇÃO DE FEMINILIDADE E NEGATIVIDADE	25
3.1 A <i>cheerleader</i> como personagem	25
3.2 Superficial e sexualizada	29
3.3 A grande vilã	32
4. UMA PERSPECTIVA DIFERENTE PARA A MÍDIA <i>MAINSTREAM</i>	37
4.1 A série <i>Cheer</i> e a realidade parcial dos documentários	37
4.2 “Confirmando” e negando os estereótipos	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
APÊNDICE	56

1. INTRODUÇÃO

Para além de uma tradução mais literal de *cheerleading* como “animação de torcida”, fazendo referência às apresentações de apoio a outros times e entretenimento de multidões através de coreografias e acrobacias, o *cheerleading* é também um esporte. Entretanto, por ter se derivado de uma atividade de torcida e que há décadas é conhecida por ser majoritariamente feminina, o *cheerleader*, ou seja, atleta ou praticante de *cheerleading*, carrega consigo muitos estigmas e associações negativas ou, pelo menos, limitantes que são ressaltados por Mary Ellen Hanson em seu livro que conta a história dessa prática: *Go! Fight! Win!: Cheerleading in American Culture*.

O tamanho e a repercussão internacional dessas construções se deve muito à maneira como esse esporte é tratado nos produtos midiáticos, especialmente nos fictícios, estadunidenses e voltados para o público adolescente. Esses clichês aparecem desde filmes dedicados a acompanhar o esporte, como a franquia *As Apimentadas* (2000-2022), até em algumas das séries adolescentes mais populares da atualidade que apenas possuem *cheerleaders* como personagens, como *Euphoria* (2019) e *Riverdale* (2017). Em todos os casos, é possível enxergar características recorrentes na representação da atividade, sendo a maioria delas diretamente associadas a estereótipos de gênero.

A *cheerleader* que aparece em anúncios, televisão, filmes, artes visuais, desenhos animados, tablóides e ficção para adultos e crianças é quase sempre mulher. As *cheerleaders* são retratadas como íntegras “garotas boas” e promíscuas “garotas más”... (HANSON, 2001, p.107, tradução nossa)¹

Assim sendo, quando uma produção que apresenta uma perspectiva diferente sobre o mesmo tema consegue alguma notoriedade no mercado audiovisual é importante questionar como ela difere das narrativas *mainstream* prévias e qual sua capacidade de subverter esses clichês tão danosos. A produção em questão é a série *Cheer* (2020) da *Netflix*, que diferente desses outros produtos audiovisuais famosos que abordam o *cheerleading*, ela possui o caráter documental.

¹ “The cheerleader who appears in advertisements, television, movies, visual art, cartoons, tabloids, and fiction for adults and children is almost always female. Cheerleaders are portrayed as wholesome “good girls” and promiscuous “bad girls”...”

Por mais que não se possa ter a ingenuidade de considerar que por ser uma série documental ela apresenta uma verdade absoluta sobre a atividade, vemos que esse modelo traz consigo a possibilidade de mostrar uma perspectiva mais próxima da experiência de quem está dentro do esporte, mesmo que através da construção de uma narrativa com intuitos específicos. Isso faz com que certos estereótipos possam ser dados pela série como coerentes ou não, dentro desse recorte da realidade do esporte, e que possam ser até mesmo comentados por aqueles que sofrem com as suas consequências.

Como é um esporte ainda muito recente no Brasil, tendo o início de sua prática no país por volta do ano de 2007 (CHEER ONE CHANEL, 2018), o *cheerleading* ainda protagoniza poucas pesquisas científicas nacionais, especialmente se excluir os estudos do campo de educação física. Contudo, esse esporte é uma parte importante da cultura norte-americana que é exportada para o mundo inteiro e é extensivamente consumida pelo público brasileiro, o que faz com que ele tenha, portanto, uma influência no imaginário coletivo nacional, principalmente através das representações estereotipadas dos filmes e séries estadunidenses.

Sendo atleta de *cheerleading*, é possível enxergar de perto a maneira que essas associações negativas atrapalham o crescimento do esporte e o bem-estar de seus atletas em solos nacionais. Por esse motivo vemos como necessária uma maior discussão sobre o assunto e a pesquisa acadêmica é uma das formas de se propagar a reflexão e de buscar maneiras de combater esses estigmas que atrapalham o esporte.

Como o esse é um esporte muito recente e com pouca pesquisa sobre ele, especialmente no Brasil, a abordagem metodológica primária utilizada é a qualitativa, através da análise do enredo de algumas séries que apresentam *cheerleaders*, do estudo de caso da série *Cheer* e de uma pesquisa bibliográfica focada nos estudos sobre a linguagem documental, sobre gênero e sobre representações midiáticas.

Ao longo do estudo trazemos a teoria de Roland Barthes sobre a construção de mitos, que se mostra muito relevante ao analisar a instauração de arquétipos midiáticos. Em conjunto, apresentamos uma visão mais recente sobre estereótipos através da pesquisa de João Freire Filho, importante para comentar sobre esses tópicos com uma visão do século XXI.

No primeiro capítulo do trabalho, “*Cheerleading*: um fenômeno cultural, esportivo e bem... estadunidense”, é abordada a história da atividade, desde seu início como animação de torcida até os dias atuais, quando já se tornou um esporte com reconhecimento olímpico e praticado em diversos países. Utilizamos fontes oficiais do esporte e também a pesquisa de Mary Ellen Hanson para esclarecer a jornada da atividade nos últimos séculos.

Nessa seção é analisado também o impacto que a figura da *cheerleader* – palavra utilizada especialmente no feminino nesse caso, pela massiva preferência midiática pela *cheerleader* feminina – teve na cultura dos Estados Unidos e como isso é exportado para o resto do mundo.

No segundo capítulo, “A recorrente associação de feminilidade e negatividade”, é acessada a teoria de Naomi Wolf sobre mito da beleza para explicar situações como a sexualização das atletas femininas, a atribuição do papel de antagonista e associação das personagens *cheerleaders* a características como fútil, arrogante e malvada. Além de se notar o apagamento da presença masculina no esporte e como, por ser uma atividade considerada feminina, os homens que se identificam com o esporte são taxados de homossexuais.

Para essa análise foram selecionadas as séries que na plataforma IMDb carregam a *tag cheerleader*. Aqui entra uma abordagem quantitativa para se entender as características desses programas, buscando saber os países de origem e os gêneros mais relevantes dentro dessas produções. E dentro dessa lista, pegamos as classificadas como mais populares atualmente pelo site para estudarmos o papel das personagens *cheerleaders* no enredo, e quais similaridades encontramos dentro dessa amostragem. A partir dessas informações, são discutidos os principais pontos de atenção sobre esse clichê estadunidense, com foco principal nos estereótipos misóginos que foram identificados.

Já no terceiro capítulo, “Uma perspectiva diferente para a mídia *mainstream*”, passamos para o estudo de caso da série *Cheer*. É discutido a forma como documentários passam uma imagem de veracidade para o público e mostramos através dos estudos de Bill Nichols e Júlio Bezerra como não é possível captar a realidade com completa autenticidade. Entretanto, por mais que essa crença na honestidade documental possa não ser de todo verdade, esse estilo fílmico traz consigo uma grande capacidade de desconstruir preceitos enraizados por produtos ficcionais e é o que percebemos na série *Cheer*.

Esse seriado é utilizado neste trabalho para retratar uma força contrária às narrativas mais dependentes do uso de arquétipos para construir seus enredos e que mesmo assim conseguiu conquistar um relativo sucesso. Através da análise de sua primeira temporada procuramos entender como a série lida com os estereótipos existentes sobre o *cheerleading*, o que ela traz de diferente de outros produtos audiovisuais *mainstream* que retratam seus atletas e como a linguagem documental impacta nessa divergência.

2. CHEERLEADING: UM FENÔMENO CULTURAL, ESPORTIVO E BEM... ESTADUNIDENSE

Neste primeiro capítulo, nos aprofundamos na história do *cheerleading* para que possamos entender qual era a condição social da atividade ao longo dos anos e como isso viabilizou a criação do arquétipo de *cheerleader* que aparece constantemente na mídia até os dias atuais. Além disso, mergulhamos em como as questões de gênero estão entrelaçadas nessa trajetória e nas próprias regras do esporte para contextualizar o cenário no qual essas representações midiáticas surgem. De acordo com a pesquisa de Freire Filho, tal mergulho na história se mostra imprescindível para analisarmos esses estereótipos de gênero.

Resumindo, um estudo efetivo sobre a representação das minorias na mídia não deve restringir-se ao mero levantamento estático de representações estereotipadas, sem maior embasamento histórico e teórico; é fundamental se interrogar sobre a origem destas imagens social e ideologicamente motivadas, por que elas perduram e são produzidas, e, por fim, como vêm sendo (ou devem ser) questionadas e rechaçadas (FREIRE FILHO, 2004, p.65)

2.1 A origem desmerecedora

O *cheerleading* competitivo, foco principal desse projeto, é uma modalidade esportiva coletiva que une dança, elevações humanas e acrobacias de solo em uma única apresentação, que é avaliada a partir de critérios objetivos e subjetivos previstos em seus códigos de legalidade e de pontuação. Porém, antes de se tornar um esporte, essa atividade se resumia à coordenação de gritos e às clássicas apresentações feitas por líderes de torcida durante ou no intervalo de jogos de outros esportes para, justamente como o nome implica, animar as torcidas.

Devido a essa origem, a partir de práticas não esportivas, muitas vezes limitadas apenas a cantos ou danças, o *cheerleading* já carrega consigo uma bagagem prévia no pensamento popular que não condiz com a realidade do esporte. Entretanto, o que pode ser surpreendente devido às representações do esporte e pela porcentagem de atletas femininas atualmente, o *cheerleading* se originou como uma prática exclusivamente masculina.

A enciclopédia *Britannica* aponta como a cultura de torcer pelos times através de cantos e de liderar torcidas se iniciou nos meados do século XIX e foi se desenvolvendo como atividade extracurricular apenas entre homens por décadas, pois mulheres não eram aceitas nas escolas particulares dos Estados Unidos onde essa prática se originou e só começaram a fazer parte de times de torcida a partir da década de 1920 (GRINDSTAFF, 2022). Esses primeiros homens a praticar essa atividade, que é considerada o início do *cheerleading* eram chamados *yell leaders*, ou líderes de grito em tradução livre (HANSON, 1995).

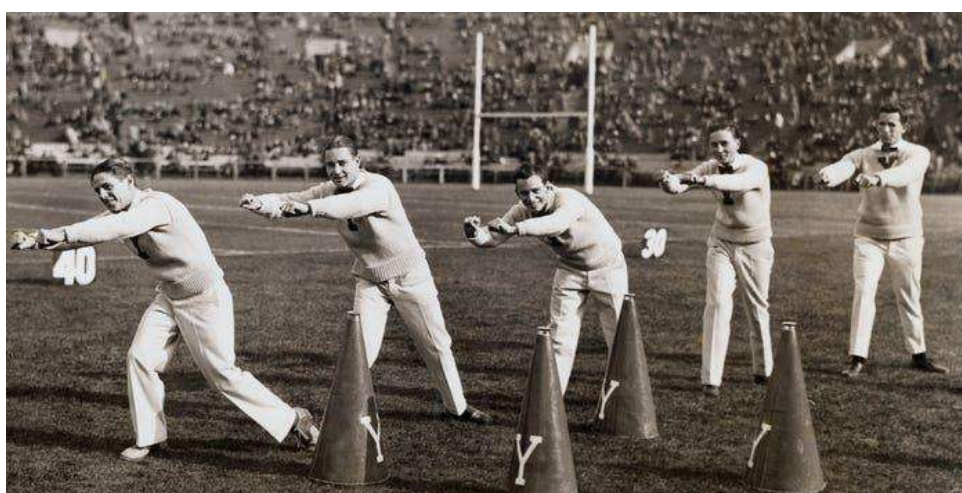


Figura 1 – Cheerleaders homens em 1925.

Fonte: <https://i.insider.com/5e2ef08f62fa81468800b443?width=700&format=jpeg&auto=webp>

Entretanto, com o passar dos anos, mulheres foram conseguindo cada vez mais espaço nas equipes de torcida, iniciaram grupos que consistiam exclusivamente de meninas e trouxeram consigo certos elementos que eram considerados femininos, como a inserção de rotinas de dança nas apresentações a partir da década de 1950 (HANSON, 1995).

Algumas dessas equipes femininas caminharam para o ponto de se direcionar mais para o aspecto coreográfico e abandonaram a prática de cantos que foi o que originou esses grupos. Dessa forma, em meados do século XIX, a presença feminina já estava consolidada em duas diferentes práticas de *cheerleading*: as apresentações de gênero misto, que focavam na exibição de acrobacias, e as apresentações de dança apenas de mulheres. Hanson (1995, p.18, tradução nossa) destaca a mudança de enfoque que estava acontecendo na prática quando aponta que “ambos os tipos de torcida representam uma transição do papel diretamente de

apoio do líder de grito para um papel auxiliar de entretenimento, realçando o aspecto de espetáculo de um evento atlético”².

Um fator que causou uma grande mudança entre a proporção de praticantes masculinos e femininas foi a Segunda Guerra Mundial, que retirou muitos homens das universidades e abriu espaço para uma maior participação de mulheres nesse esporte nas décadas de 1960 e 1970, quando passaram a compor aproximadamente 95% das equipes de *cheerleading* (USACHEER, 2022).

Com essa transformação na composição de gênero da atividade veio também uma mudança na forma como ela era percebida e proliferada. Uma prática que até então era majoritariamente masculina e vista como uma forma de construir caráter e ensinar disciplina, liderança e cooperação, passou a ser descredibilizada com a ascensão no número de participantes femininas. “O envolvimento feminino mudou a natureza do *cheerleading*, estimulando uma ênfase maior na atratividade física e no apelo sexual. Isso, por sua vez, talvez tenha levado a trivialização e desvalorização do *cheerleading*” (GRINDSTAFF, 2022, tradução nossa)³.

Atualmente, tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos, até mesmo no Brasil, existem concomitantemente o esporte *cheerleading* e as apresentações de animação de torcida que carregam esse mesmo nome. Essas duas versões da atividade muitas vezes são complementares, pois é comum times de líderes de torcida universitários participarem de competições desportivas e fazerem também o papel de animadores de torcida para suas universidades e atléticas, entretanto são práticas distintas e existem separadamente.

Nos Estados Unidos, essas animações de torcida desvinculadas do aspecto esportivo são muito presentes nos jogos da National Football League (NFL), liga esportiva profissional de futebol americano do país. Grande parte dos times que participam dessa liga possuem um time de *cheerleaders* que os acompanham para torcer por eles e fazerem apresentações durante o intervalo dos jogos. A maioria dessas performances são compostas por mulheres dançando com roupas curtas e

2 “Both types of cheering represent a transition from the directly supportive role of the individual yell leader to an auxiliary entertainment role enhancing the pageantry of an athletic event.”

3 “Female involvement changed the nature of cheerleading, spurring greater emphasis on physical attractiveness and sex appeal. That, in turn, may have led to the trivialization and devaluation of cheerleading.”

pompons, um dos mais conhecidos desde sua instauração são as Dallas Cowboy Cheerleaders.



Figura 1 – Dallas Cowboy Cheerleaders se apresentando.

Fonte: <https://www.marca.com/en/nfl/dallas-cowboys/2022/08/12/62f57df9e2704e98318b45ba.html>

A função das *cheerleaders* nesse contexto, para além de propriamente liderar a torcida, é angariar dinheiro para seus times, muitas vezes através da sexualização de seus corpos. Os times fazem desde calendários com imagens das *cheerleaders* em roupas de banho até a disponibilização online e venda de fotos individuais de cada uma (ROYEL, 2013).

É nesse mesmo contexto que o esporte tenta ganhar espaço e reconhecimento, tendo que lutar contra essas ideias limitantes do que é ser *cheerleader*. Noções essas que são continuamente fortificadas pelas imagens que tem mais propulsão na mídia, seja da vida real, através dessas apresentações sexualizadas em jogos de futebol americano por exemplo, seja na ficção, em grande parte das séries e filmes adolescentes.

Para entender como desconstruir esses estereótipos danosos é preciso dissecar qual é a realidade prática e política da atividade para saber qual é esse contexto que ajudou a criar e continua permitindo a manutenção desses clichês. Partindo daí, podemos então mergulhar propriamente nas representações que carregam esses estereótipos e nos movimentos contrários.

2.2 Os papéis de gênero refletidos nos regulamentos

Primeiramente, ao discutir sobre como ocorrem as relações de gênero em um esporte e o quanto essas dinâmicas impactam a forma como a atividade é encarada nos âmbitos cultural e midiático, é interessante entendermos qual o contexto do esporte atualmente e quais as posições das instituições que controlam ele em relação a essas questões. Para isso, olhamos para como os regulamentos atuais de *cheerleading* tratam os gêneros e quais são as diferenças.

Em outros esportes, que também carregam um lado coreográfico e performático, é muito comum encontrar cobranças diferentes para as modalidades de gêneros diferentes. Na ginástica artística, por exemplo, as categorias masculina e feminina possuem provas diferentes e na prova de solo feminina é necessário ter uma música de fundo e elementos coreográficos que combinem com o fundo musical, enquanto na versão masculina da mesma prova não existe essa demanda por música e são cobrados elementos de demonstração de força.

O *cheerleading* já teve muito mais distinções regulamentares entre os gêneros. Até poucos anos atrás não era considerado para a pontuação se atletas masculinos fizessem a posição de *flyer* – que é a pessoa que é levantada durante as elevações – e se atletas femininas fossem bases de *partner stunts* – que é quando uma pessoa levanta outra sozinha. Entretanto, parece que esse esporte vem acompanhando um pouco mais a evolução nos debates sobre papéis de gênero e já atualizou as regras para serem mais inclusivas para todos, movimento que não vemos tanto em outros esportes que carregam uma disparidade de gênero também.

Os principais códigos de legalidade utilizados no *cheerleading* atualmente são o da IASF (2003), *International All Star Federation*, que é o principal em solos nacionais, e o da USASF (2003), *United States All Star Federation*, que é o mais importante nos Estados Unidos, país de referência do esporte. Por essas razões, esses foram os regulamentos escolhidos para analisarmos a forma como gênero é tratado nesse esporte. Esses regulamentos são alterados anual ou bianualmente para acompanhar a evolução do esporte da atividade, então para fins de análise desse trabalho são utilizados principalmente os que se referem à temporada que se inicia no ano de 2023.

O *cheerleading* mistura pessoas de diferentes idades em um mesmo time, o que em parte mostra o caráter inclusivo da modalidade, mas também intensifica a

possibilidade de relações inapropriadas. Esse aspecto chama bastante atenção em qualquer esporte, mas ainda mais em um coeducacional, considerando que de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022 na maioria dos casos de abuso de menores, os criminosos são homens e as vítimas são meninas.⁴ Tal situação é ainda mais delicada quando se considera que é um esporte com muito contato físico.

Pelo USASF até ano passado eram permitidos adolescentes de a partir de 14 anos estarem em times com adultos sem idade limitada. Eles mudaram essa situação recentemente, para a temporada que começou em maio de 2023 justamente pelos riscos que essa interação causa aos jovens atletas, entre outras razões que são explicadas no comunicado presente no site da instituição.⁵

Já no Brasil, como temos um número muito menor de participantes ainda nem foi possível instaurar categorias por idade nas competições nacionais e a idade mínima estabelecida pela CBCD, Confederação Brasileira de Cheerleading Desportivo, foi de 8 anos para equipes *All girl*, formadas apenas por atletas femininas, e de 12 anos para equipes Coed, que misturam atletas de diferentes gêneros. Entretanto, não existe limite máximo de idade, então crianças e adolescentes ainda podem estar em um mesmo time que homens e mulheres adultos.

Porém, tirando essas regras específicas sobre idades e conformações de times, todas as regras são aplicadas a todos os gêneros da mesma forma. O código da USASF possui uma seção que informa as diretrizes em relação a maquiagem e uniforme e em nenhum momento é feita distinção de gênero, se referem a todos os atletas com linguagem neutra. Ou seja, não existe atualmente restrições em relação ao que cada gênero pode ou não usar em comparação com o outro. (USASF, 2023a, p. 38)

Em outros códigos relevantes ainda vemos pequenas diferenciações entre os gêneros. No da ICU, *International Cheer Union*, utilizado para o campeonato mundial de *cheerleading*, no qual o Brasil compete com outros países, tem uma parte que especifica que “todos os trajes dos performers masculinos devem incluir uma camisa que seja fechada” (ICU, 2023, p. 38). Mas, ainda assim podem ser consideradas

4 “Anuário Brasileiro de Segurança Pública”, *Fórum Brasileiro de Segurança Pública*, 2022.

5 “Open Division Announcement”, *U.S. All Star Federation*, 2023.

pequenas distinções considerando que tem esportes com regras de vestuário bem mais estritas e até mesmo aqueles que só aceitam um gênero em competições olímpicas, como a ginástica rítmica e a nado sincronizado.

Essas regras que não distinguem gênero são fundamentais para inclusividade e igualdade de gênero no esporte, mas, inseridas na sociedade patriarcal e preconceituosa que nos encontramos, é possível que essas singularidades façam com que certos estereótipos de feminilidade e superficialidade sejam associados ao *cheerleading* de forma mais abrangente.

Como não há tanta especificação de gênero no regulamento, tanto mulheres quanto homens são requeridos a seguirem todas as regras do esporte, incluindo a necessidade de performarem durante as apresentações. “Energia do time, entusiasmo genuíno, presença de palco, contato visual, e expressão facial” (VARSITY, 2022, p. 5, tradução nossa)⁶ são algumas das funções que são avaliadas de acordo com o Sistema de Pontuação Unificado do Varsity, e são elementos que podem ser associados socialmente a algo feminino.

Em suma, o *cheerleading* na prática é um esporte bastante inclusivo que agrega pessoas de diferentes gêneros, corpos e idades, mas em parte por causa disso, e em parte apesar disso, ele carrega muitos pontos sensíveis sobre dinâmicas de gênero. Além dessas situações complicadas causadas ou intensificadas pelas regras do esporte, precisamos entender como surgiu socialmente os estereótipos que a atividade carrega hoje em dia.

2.3 O “esporte”

Além de sua relevância no âmbito audiovisual do século XXI devido a sua presença recorrente em produtos norte-americanos, o *cheerleading* também chama atenção por sua atual ascensão no âmbito esportivo. Em 2021 o esporte recebeu o reconhecimento completo pelo COI (Comitê Olímpico Internacional)⁷ e pode vir a

6 “Showmanship is an average of 3 scores provided by the Building, Tumbling, and Overall Judges based on the panel’s impression of the entire performance encompassing all category areas focusing on the team’s energy, genuine enthusiasm, showmanship, eye contact, and facial expression.”

7 Madison Peyser, “What the IOC’s recognition of cheerleading means for the sport and its athletes”, *Fox Sports*, 2021, <https://www.foxsports.com/stories/olympics/international-olympic-committee-recognizes-cheerleading-international-cheer-union-sport/>

fazer parte de futuras edições das Olimpíadas, o que incentiva um maior reconhecimento e impacto desse esporte em âmbito global.

Já em solos nacionais, o *cheerleading* esportivo também encontra um crescimento exponencial, tanto em números de praticantes, quanto em nível técnico. O Brasil pratica o esporte há menos de duas décadas, mas participa desde 2015 do campeonato mundial que é organizado pela ICU (International Cheer Union) e em 2023 atingiu pela primeira vez como nação uma posição no pódio mundial. Nesse ano, competimos em 3 categorias e conquistamos o segundo, terceiro e quarto lugar em disputas contra diversos outros países⁸.



Figura 3 – Time do Brasil conquistando prata no mundial de *cheerleading*.

Fonte: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Paranaense-ajuda-selecao-brasileira-conquistar-2o-lugar-no-mundial-de-cheerleading#&gid=1&pid=2>

Vale ressaltar que, como vimos antes, a prática de animação de torcida tem indícios de ter começado ainda no final do século XIX, entretanto, o esporte só teve sua primeira organização de treinamento fundada em 1948⁹ e começou a ter uma maior atenção de nível nacional nos Estados Unidos no final da década de 1970 através das primeiras transmissões televisivas de suas competições¹⁰.

⁸ “2023 ICU Junior World & World Cheerleading Championship Results”, *International Cheer Union*, 2023, https://cheerunion.org/championships/cheerleading/23wccresults-ch/#id_ece

⁹ “About NCA”, *National Cheerleaders Association*, 2022, <https://www.varsity.com/nca/about/>

¹⁰ “History of Cheerleading”, *USA Cheer*, 2022, <https://usacheer.org/history-of-cheerleading#:~:text=The%20first%20known%20organized%20cheers,Tiger%2C%20Tiger%2C%20Tiger!>

Essa origem cultural nas torcidas, que durou décadas antes de passar a ser uma atividade competitiva e se mantém até hoje em paralelo ao esporte, destaca a experiência do *cheerleading* no mundo esportivo. Até hoje, mesmo com validação olímpica, vemos muita resistência popular e de órgãos oficiais para considerar essa prática um esporte.

Mesmo nos Estados Unidos, maiores praticantes do *cheerleading* de animação e esportivo, vemos ainda um debate sobre a validade dessa atividade como esporte por não se enquadrar dentro dos parâmetros do Título IX das Emendas Educacionais da nação, que foi assinado em 1972. Três anos depois, um memorando divulgado pelo Escritório de Direitos Civis classificou o *cheerleading* como atividade extracurricular e não como parte do programa atlético de uma instituição.¹¹

Essa é uma lei que foi criada há meio século, quando o *cheerleading* competitivo ainda estava em um estado muito mais embrionário, e se refere apenas à atividade quando praticada em escolas e programas que recebem financiamento do governo. Apesar disso, o fato da prática não se enquadrar nesse Título IX é o suficiente para que diversas reportagens sejam feitas ignorando seu progresso, até mesmo em relação ao comitê olímpico, e afirmem que ele não pode ser considerado um esporte.

Tal embate é reforçado até mesmo pelos órgãos organizadores do esporte, que defendem a importância da animação de torcida em detrimento ao reconhecimento do lado esportivo. O USACheer, organização coordenadora dessa prática nos Estados Unidos afirma que o *cheerleading* competitivo deve ser considerado mesmo como uma atividade estudantil e não como um esporte interescolar, defendendo que “pesquisas indicam que quando o *cheerleading* tradicional foca apenas na competição, os elementos de liderança e espírito escolar que são vitais para a atividade são removidos para o detrimento da escola” (USACHEER, 2023).¹²

11 Peter E. Holmes, “Letter to Chief State School Officers, Title IX Obligations in Athletics”, U.S. Department of Education, 1975, <https://www2.ed.gov/about/offices/list/ocr/docs/holmes.html>

12 “Research indicates that when Traditional Cheerleading focuses solely on competition, the leadership and school spirit elements that are vital to the activity are removed to the detriment to the school.”

É válido olhar para esse aspecto de descredibilização dentro do contexto de ser uma prática majoritariamente feminina e que foi transformada para agregar características que são ligadas à mulher. Isso nos ajuda a entender por que essa atividade em específico carrega esse peso de ter que ser uma posição de liderança e espírito escolar, entre diversas outras expectativas comportamentais, e não tem o direito de ser apenas um esporte como tantos outros, a ponto de ter sua própria organização não defendendo sua instituição como esporte.

Mary Ellen Hanson cita como na época em que garotas estavam começando a ter mais espaço no *cheerleading* tinha quem era contra por achar que fazer acrobacias era masculinizador, mas tinham os que reconheciam seu sucesso e debatiam que “já que a maioria dos esportes era restrito a meninos, *cheerleading* (de apoio emocional e de apresentação atraente) era uma atividade válida para garotas” (HANSON, 2001, p. 105, tradução nossa)¹³.

A autora ressalta esses aspectos de ser uma prática de apoio e de ter uma forte conexão com a aparência física como motivos pelos quais o *cheerleading* passou a ser visto como apropriado para garotas. Isso conecta bastante com o papel que é esperado da mulher em nossa sociedade patriarcal, o que era ainda mais forte em meados do século passado, quando houve essa transformação na quantidade de garotas na atividade.

Em “O Mito da Beleza”, Naomi Wolf decorre sobre como havia a mística da domesticidade, que indicava que o lugar da mulher era em casa servindo de apoio para o marido, e faz muita conexão com a ideia de a mulher ser adequada para uma atividade de suporte para práticas consideradas masculinas. E Wolf destaca como essa mística foi substituída pelo mito da beleza para que a sociedade ainda pudesse manter um controle sobre os corpos femininos. (WOLF, 1992, p. 12-13)

Relacionando esse depoimento de Hanson do que pensavam sobre as *cheerleaders* mulheres com a teoria do mito da beleza, entendemos por que esse lugar de *cheerleading* encontrou uma conexão tão forte com o sexo feminino. Isso porque essa atividade possuía características que se encaixavam perfeitamente às pressões sociais impostas às mulheres no último século, primeiro de terem que ser submissas ao homem, se prestando apenas a uma posição de apoio, e segundo de terem que se importar e manter padrões estéticos rígidos e tóxicos.

13 “Since most sports were restricted to boys, cheerleading (emotionally supportive and attractively presented) was a valid activity for girls.”

Uma economia que depende da escravidão precisa promover imagens de escravos que "justifiquem" a instituição da escravidão. As economias ocidentais são agora inteiramente dependentes da continuidade dos baixos salários pagos às mulheres. Uma ideologia que fizesse com que nos sentíssemos valendo menos tornou-se urgente e necessária para se contrapor à forma pela qual o feminismo começava a fazer com que nos valorizássemos mais. (WOLF, 1992, p. 22)

A autora justifica a formação do mito da beleza nesse trecho e entendemos que foi um processo similar que ocorreu com as mulheres universitárias em meados do século passado. Como agora elas estavam passando a ter mais espaço, conquistando a possibilidade de frequentar as mesmas instituições que os homens e participando também de atividades atléticas, foi necessário para a manutenção da hierarquia dos gêneros a ascensão de uma prática na qual as mulheres pudessem se encaixar dentro do que era esperado delas e não ameaçassem a posição do homem. Daí surge a adaptação do *cheerleading* como atividade de suporte, de aparência atraente e idealmente só feminina.

3. A RECORRENTE ASSOCIAÇÃO DE FEMINILIDADE E NEGATIVIDADE

Como vimos no último capítulo, essas associações que atualmente se fazem na mídia e no âmbito social ao *cheerleading* não existem desde o começo da atividade. Elas foram desenvolvidas com o passar do tempo através de escolhas de quem possuía um lugar de destaque ou autoridade por falas misóginas que construíram então esse mito que conhecemos hoje da figura de *cheerleader*. Cabe então buscar um esclarecimento sobre quais são as características específicas que a mídia vem utilizando e reutilizando para construir esse arquétipo.

Nenhum estereótipo é uma representação do estado natural das coisas. Roland Barthes assinala em seu livro *Mitologias* que “Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas” (BARTHES, 2001, p. 132) e o mito da *cheerleader* não é diferente.

3.1 A *cheerleader* como personagem

Escolhemos usar como referência o site IMDb, Internet Movie Database, que é uma database online com informações sobre produtos audiovisuais, fundada em 1990 e de propriedade do grupo Amazon. Essa fonte foi escolhida por utilizar diversas formas de coletar esses dados e fazer checagens constantes e por possuir um sistema de classificação dos títulos através de *tags*, ou etiquetas, o que nos permite filtrar títulos que estejam dentro de nossa área de pesquisa. Esse método de rotulação não necessariamente mostra todos os produtos que possuem alguma relação com a palavra da *tag*, mas em nosso trabalho serve para termos uma boa amostragem de séries que tem a ver com o objeto de estudo.

Filtramos os títulos com a *tag* “*cheerleader*”, onde apareceram mais de 400 títulos classificados como “*Feature Films*”, filmes de longa-metragem, com essa *tag*. Clássicos de diversos gêneros audiovisuais, desde musicais, como *Grease* (1978), até filmes de terror, como *Pânico* (1996), possuem personagens *cheerleaders* em seus enredos, muitas vezes até como personagens principais.

Para esse estudo, seguimos com a análise das representações desse arquétipo nos seriados, onde também vemos uma expressiva presença da personagem *cheerleader*, especialmente nas séries voltadas para o público

adolescente. Em junho de 2023, 54 títulos de seriados aparecem marcados com a tag *cheerleader* (IMDB, 2023)¹⁴. Nessa lista estão séries de 1981 até o momento atual e fazendo uma apuração do país que produziu cada série, um em específico se destaca.

Como podemos ver no gráfico a seguir, a maioria das séries que apresentam *cheerleaders* em seus enredos são de origem estadunidense, o que faz sentido considerando ser o berço do esporte e o país com mais praticantes. O que chama atenção para nossa análise é que como não vemos outros países incluindo essa atividade em seus produtos audiovisuais com frequência – e nenhum título na lista sendo de origem sul-americana - o conceito de *cheerleading* que é passado para os outros países, incluindo aqui no Brasil, é quase que exclusivamente a maneira como os Estados Unidos encaram essa atividade e lá, como vimos, a *cheerleader* tem um papel cultural muito maior do que o próprio esporte.

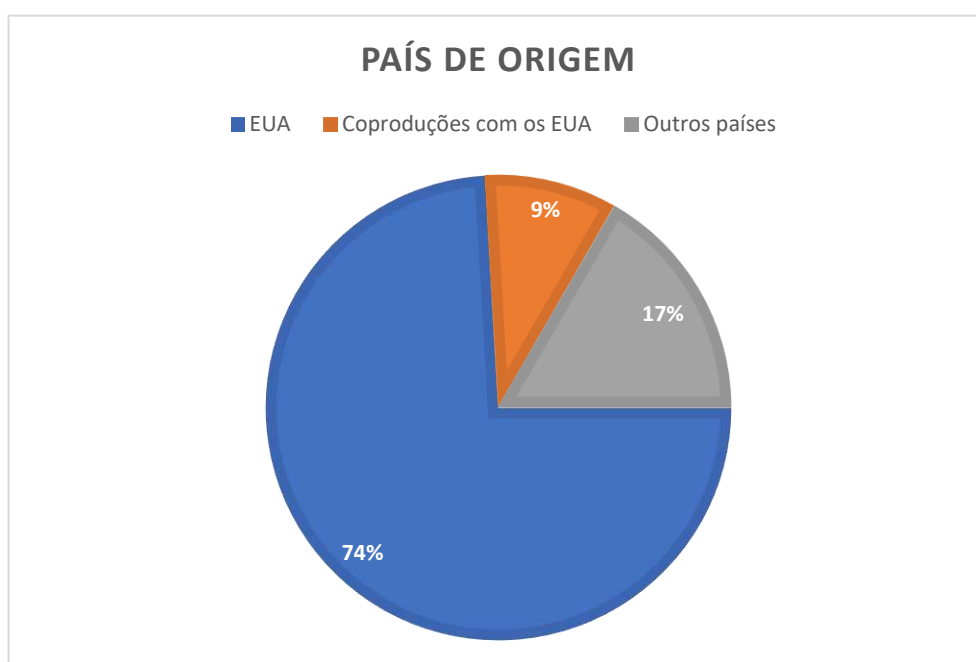


Figura 4 – Gráfico do país de origem das séries.

Fonte: Elaborado pelo autor.

23 das 54 séries na lista também tem a tag “High School”, que é o equivalente ao ensino médio no Brasil. O que mostra que grande parte dessas representações de *cheerleaders* se passam no contexto juvenil e voltado também para o público jovem. E as séries adolescentes muitas vezes não possuem narrativas muito

¹⁴ Tabela com os títulos e ano de lançamento de cada uma dessas séries presentes no Apêndice.

aprofundadas e justamente se apoiam nos arquétipos para a construção das suas narrativas. Também chama atenção o fato de que dentro dos 54 títulos, apenas um, a série *Cheer* da Netflix carrega o gênero “Documentário”, enquanto a maior parte são trabalhos de ficção.

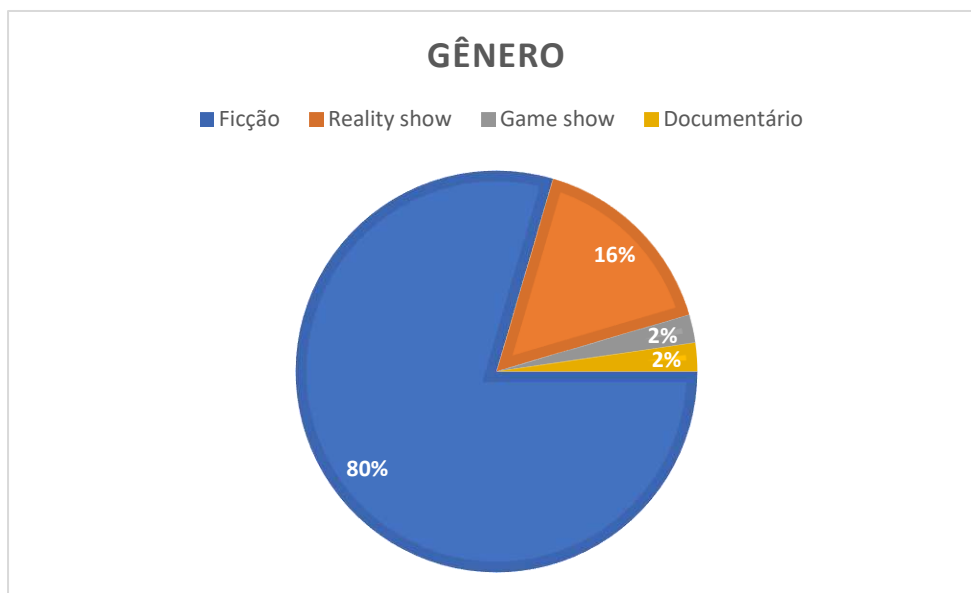


Figura 5 – Gráfico do gênero das séries.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para além dessa visão mais ampla sobre o cenário geral das séries que incluem *cheerleaders* em seus enredos, analisamos a primeira temporada dos 5 seriados que aparecem no topo quando se organiza a lista pelo critério de popularidade no site. Isso foi feito para ter uma amostragem de como as personagens *cheerleaders* são tratadas dentro das narrativas das séries e se é possível avistar semelhanças em suas representações e associações com o que sabemos da história do esporte.

As 5 séries foram: *Uma Família da Pesada* (1999), *Buffy: a Caça-Vampiros* (1997), *Glee: Em Busca da Fama* (2009), *Freaks and Geeks* (1999) e *Espíritos na Escola* (2023). Nesse grupo de seriados, todos estadunidenses, temos uma de animação de comédia e 4 séries que possuem, entre outras classificações, o gênero “drama” em suas descrições e são voltadas para o público adolescente, com seus personagens principais sendo majoritariamente alunos de ensino médio. Esse padrão é apenas um dentre vários que são passíveis de serem notados mesmo nessa seleção que nos dá um escopo de 1997 até 2023. Pode ser surpreendente o

quanto de similar existe entre as representações das *cheerleaders* nessas séries, mesmo com décadas de diferença entre elas.

Essa estabilidade desse estereótipo ao longo do tempo se conecta com a própria origem dessa palavra “derivado do grego *stereós* (“sólido”) + *týpos* (“molde”, “marca”, “sinal”)” (FREIRE FILHO, 2004, p.46), pois é justamente isso, um molde sólido, que se mantém firme em seu conceito principal mesmo com a passagem do tempo e mudanças sociais. Freire Filho (2004, p.48) decorre sobre como estes são construções simbólicas enviesadas, diretamente ligados com o senso-comum, que servem para a manutenção dos sistemas de controle sociais.

Eles necessitam ser conceituados (e contestados) como estratégias ideológicas de construção simbólica que visam a naturalizar, universalizar e legitimar normas e convenções de conduta, identidade e valor que emanam das estruturas de dominação social vigentes.

Vemos que no caso do estereótipo de *cheerleader*, esse controle está sendo exercido sobre a forma como mulheres e feminilidade num sentido mais amplo deve ser encarado para favorecer as forças dominantes da nossa sociedade patriarcal, pois uma das principais semelhanças entre as personagens *cheerleaders* das séries analisadas é o gênero delas.

Como vimos no último capítulo, *cheerleader* e até mesmo sua tradução "líder de torcida" são termos unissex, considerando que o esporte *cheerleading* inclui todos os gêneros. Tendo isso em mente, o artigo utilizado no título deste subcapítulo pode parecer errado para o leitor, pode parecer que quem escreveu cometeu um equívoco ao se referir a essa palavra com um artigo feminino, e por mais que o autor não esteja livre de cometer erros, nessa situação específica, esse não é o caso. A escolha do "a" ao invés do "o" foi devido ao fato de que na esmagadora maioria das representações de *cheerleaders* na mídia as personagens são femininas e isso se mostra verdade em nossa pesquisa também.

Nas 5 séries, apenas uma mostra um personagem masculino como *cheerleader*, o Kurt Hummel de *Glee*, e ele apenas está no time por um terço da temporada e aparece como uma espécie de exceção, não como se ser parte do time fosse realmente parte da sua identidade como é de outras personagens da série. Além disso, ele é o único personagem masculino homossexual que aparece na primeira temporada desse seriado, então ele ser o único homem *cheerleader* que

encontramos também pode ser um sinal sobre a relação dessa atividade com o que a sociedade encara como feminilidade.

3.2 Superficial e sexualizada

O fato do *cheerleading* ter sido uma opção mais viável para as meninas por ser mais focado num papel de suporte e de aparências (HANSON, 2001, p.105) se reflete muito na maneira como elas são representadas nos seriados estadunidenses. Em grande parte, sua principal função nessas representações audiovisuais é um papel de suporte na narrativa, sem muito aprofundamento na sua construção de personagem e muitas vezes servindo de alguma forma como antagonista.

Em todas as séries analisadas para este trabalho, e certamente em inúmeras outras, vemos as personagens *cheerleaders* com prioridades que claramente são postas em tela para mostrar como estas são fúteis e sem profundidade. Tópicos como aparência, namorados e status social, são tratados por elas com a maior importância, muitas vezes sendo contrastado com o que os outros personagens da série estão lidando.

Em *Buffy*, enquanto os protagonistas lidam com assassinatos e com a missão de defender as pessoas de vampiros e outras forças malignas, a Cordelia, que é a *cheerleader* recorrente na série, aparece extremamente preocupada com fazer parte do time de torcida, com o seu cabelo e com o quanto ela precisa de atenção. Esse contraste evidenciando o quanto ela é fútil.

Em *Espíritos na Escola*, acompanhamos o desaparecimento da protagonista, Maddie, e a busca de seus amigos e familiares por ela enquanto o espírito da própria está tentando descobrir quem a matou. Enquanto isso, a personagem *cheerleader* Claire está focada em ganhar o título de rainha do baile e vai dar entrevista para o jornal da escola falando sobre isso e é confrontada sobre o quanto ela não está se importando com o desaparecimento.

Tem uma cena em cada uma dessas duas séries que chama atenção para o fato das *cheerleaders* ainda seguirem sendo representadas de forma muito similar mesmo um desses seriados sendo de 1997 e o outro de 2023. Em *Buffy*, depois que uma menina é assassinada, a Cordelia fala que era a melhor amiga dela, mas ao falar isso erra o nome da menina, mostrando que estava mentindo sobre a proximidade entre elas e no primeiro episódio de *Espíritos na Escola*, as

cheerleaders fazem uma apresentação em homenagem a Maddy, que desapareceu e quando uma delas vai falar sobre a Maddie também erra seu nome.

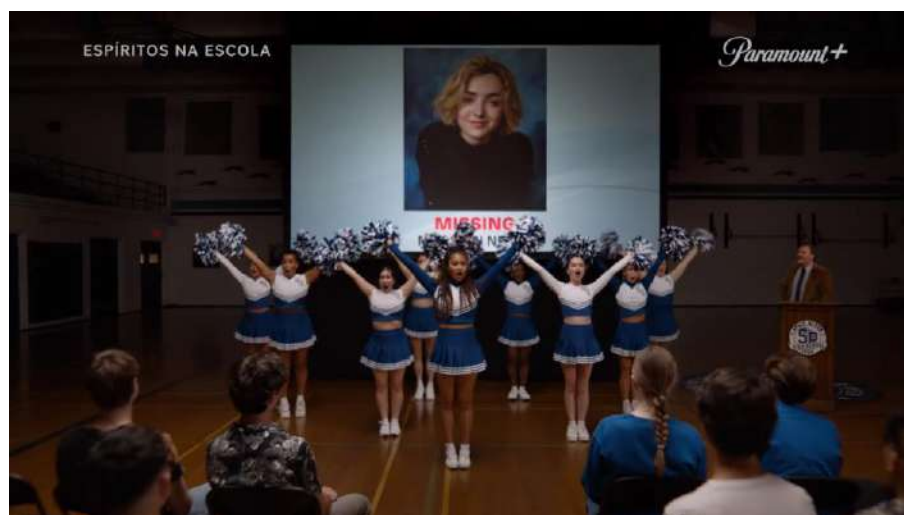


Figura 6 – Cheerleaders performando durante o desaparecimento de Maddie.

Fonte: Captura de tela do trailer de Espíritos na Escola (00:00:34). Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=MsnCr_BYXSI

Essas falas demonstram o quanto a intenção dos criadores é construir essas personagens como pessoas superficiais e egocêntricas, que não se importam com assuntos sérios e só querem chamar atenção, não importa à custa de que ou de quem. Castellano e Meimaridis (2018, p.12) discursam sobre como “é no mínimo problemático estabelecer que, para parecerem fortes, profundas e multifacetadas, as mulheres precisem exibir comportamentos decodificados pelo público como masculinos” e essas representações de *cheerleaders* como símbolo da feminilidade adolescente serem justamente o oposto de “fortes, profundas e multifacetadas” atesta a essa afirmação.

Não é surpreendente o fato de pelo menos grande parte dos estereótipos midiáticos se manterem intactos, mas essas duas séries utilizarem o mesmo artifício para personificar a futilidade e insensibilidade das *cheerleaders*, sendo que foram lançadas com 26 anos de diferença, nos mostra o quanto caminho ainda será preciso percorrer. Não apenas em relação a imagem do *cheerleading*, mas principalmente na questão do respeito à mulher, pois a reprodução massiva desses estereótipos é basicamente uma subjugação ao ser feminino.

Já na única série analisada que não segue os moldes de série *teen*, *Uma Família da Pesada*, não vemos muitas representações de *cheerleaders* ao longo da

primeira temporada. Na verdade, elas só tem uma cena na temporada inteira, mas com falas que dizem muito sobre como essa figura é encarada na mídia: a primeira fala “É ótimo ser magra e popular” e a segunda segue com “Vamos lá vomitar” (UMA FAMÍLIA, 1999).

É evidente que essa não busca ser uma representação verídica de como as pessoas agem na realidade, por ser um seriado se comédia essas falas são uma sátira do arquétipo de *cheerleader*. Entretanto, é instigante notar justamente como esse estereótipo de futilidade e culto à estética e à hierarquia social já estava tão bem estabelecido no final do século passado a ponto de as únicas falas dessas personagens girarem em torno disso.

Em O Mito da Beleza, Wolf (1992, p.17) fala sobre as mulheres serem resumidas a sua aparência, afirmando que, dentro da sociedade patriarcal que vivemos, “a nossa identidade deve ter como base a nossa "beleza", de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos”, pois assim podem controlar o comportamento delas.

A forma como os outros personagens, especialmente os masculinos se referem as *cheerleaders* nas séries que assistimos confirma essa visão social de que as mulheres devem se ocupar primariamente da aparência e serem definidas por ela. A visão sexualizada sobre o corpo feminino sem nenhum consentimento deste é outro aspecto de semelhança nas representações das *cheerleaders*.

Em *Buffy*, aparece um personagem falando de modo desejante sobre a flexibilidade de uma líder de torcida, sexualizando algo que faz parte da atividade dela. Em *Glee*, os meninos fazem diversos comentários sobre os corpos das atletas, como um sobre a saia de uma delas ser curta demais. E em *Freaks and Geeks*, enquanto a *cheerleader* está participando de uma peça sobre não dirigir bêbado, um dos personagens principais só fala sobre como ele acha ela atraente e como “daria um porre nela” (FREAKS, 1999).



Figura 7 – Meninos de Glee falando sobre as saias curtas das *cheerleaders*.

Fonte: Captura de tela da série *Glee* (episódio 2, temporada 1, 00:20:20).

Essas imagens e comentários sobre o corpo da mulher servem de forma a desumanizar elas e despir de valor a sua prática, tornando-as apenas objetos de desejo do olhar masculino e impondo metas inalcançáveis. “Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram” (WOLF, 1992, p.14).

Em suma, uma boa porção das características que parecem ser atribuídas às *cheerleaders* nessas séries, que são majoritariamente adolescentes, giram em torno da conexão delas com sua feminilidade, como se importar com o cabelo, roupas ou namorados, e servem para descredibilizá-las e pintá-las como incapazes de terem uma profundidade e questões relevantes, pois isso seria um caráter exclusivo da masculinidade.

3.3 A grande vilã

A narrativa dessas séries escolares parece se basear bastante num esquema de hierarquia social, onde popularidade define seu poder dentro desse espaço e quem não possui esse capital social é renegado e desimportante. Essa dinâmica fica bastante evidente nos seriados que analisamos e é possível perceber em diversas outros também.

Uma personagem de *Glee* define esse sistema desta forma: “O ensino médio é um sistema de castas. As crianças se enquadram em certas caixas. Os atletas e as crianças populares na cobertura. Os invisíveis e as crianças que brincam de *live-action* na floresta: no andar de baixo” (GLEE, 2009, tradução nossa)¹⁵. Por mais que ela seja uma personagem um tanto cômica e exagerada, essa fala transmite de maneira lúdica o pensamento que baseia as interações entre os personagens nos seriados adolescentes.

Dentro desse mundo de “castas” escolares que é construído nessas séries, é muito comum ver um embate entre as supostas classes. A grande parte desses produtos seguem a perspectiva principal dos nerds, dos excluídos socialmente ou, pelo menos, dos não tão populares, que estão nos níveis mais baixos dessa pirâmide social, esse é o caso em todas as séries que analisamos. Então, quando esses são os protagonistas e se a narrativa se baseia em uma luta de classes sociais, quem se encontra nos níveis mais altos são tratados como os antagonistas e, como vemos, as *cheerleaders* estão constantemente representadas como o topo da pirâmide escolar.

Em *Glee* aparece constantemente o embate entre como ser *cheerleader* ou jogador de futebol te faz popular enquanto ser do coral te faz ser um “perdedor” e como os personagens que fazem parte de ambos os grupos sofrem com o quanto a popularidade e status social deles caem quando se juntam ao coral. A Quinn, capitã das *cheerleaders*, até fala sobre como ser popular é como dinheiro e por isso é tão importante para ela manter esse status.

Freaks and geeks também é focado nesse outro extremo da pirâmide social construída pelos estereótipos de hierarquia escolar, os protagonistas são os delinquentes e os estudiosos. É visível como desde a primeira cena a figura da *cheerleader* é utilizada para contrapor essa posição de exclusão dos personagens principais, mostrando que enquanto eles se escoram debaixo das arquibancadas escondidos de todos, a líder de torcida aparece feliz com seu namorado na parte de cima da arquibancada, uma representação até física dessa hierarquia, um em cima e outro embaixo.

15 “High school is a caste system. Kids fall into certain slots. Your jocks and your popular kids up in the penthouse. The invisibles and the kids playing live-action out in the forest: bottom floor.”

Essa posição de dominância na cadeia alimentar escolar bota a figura da *cheerleader* numa dicotomia de ser popular e poderosa, podendo se sobrepor aos que são considerados perdedores, mas ao mesmo tempo sofrendo com a pressão de ter que ser basicamente perfeita. Essa idealização só é reforçada pelo fato de que desde meados do século passado, a função de líder de torcida está diretamente ligada a um desempenho escolar e social positivo, com a intenção de que elas liderem os outros alunos dando exemplo. Hanson (1995, p.32) ao comentar sobre a intervenção das instituições no *cheerleading*, afirma que “os processos de seleção escolar enfatizavam o caráter, bem como os atributos físicos e de personalidade considerados apropriados para torcer”¹⁶.

Vemos essa pressão na Claire de *Espíritos na Escola*, que chega a ser apresentada no jornal da escola como “líder de torcida, capitã da equipe de natação, estudante de honra e agora heroína local, Claire faz mesmo de tudo” (ESPÍRITOS, 2023) e a mesma comenta sobre essa expectativa sobre ela dizendo que “para mim não há espaço nenhum para erros” (ESPÍRITOS, 2023). A Cindy, de *Freaks and Geeks*, tem falas parecidas quando comenta sobre as restrições alimentícias que seus pais a impõe e como os outros pensam que “sendo líder de torcida você tem que estar de bom humor o tempo todo” (FREAKS, 1999).



Figura 8 – Cindy oferecendo cenoura de lanche para seu convidado.

Fonte: Captura de tela da série *Freaks and Geeks* (episódio 7, temporada 1, 00:15:00).

16 “School selection processes emphasized character as well as physical and personality attributes considered appropriate for cheering.”

Sem falar no enredo da Quinn, de *Glee*, que gira completamente em torno do fato dela ter transgredido sua imagem de boa moça ao engravidar na adolescência, chegando a ser expulsa de casa. Wolf (1992, p. 280) decorre sobre esse fardo que a mulher carrega para se encaixar dentro do que é esperado dela:

Criadas para concorrer como homens em instituições masculinas rígidas, elas também precisam manter até o mínimo detalhe uma feminilidade impecável. Os papéis sexuais, para essa geração de mulheres, não se harmonizaram, mas duplicaram. Espera-se das jovens de hoje que ajam como "homens de verdade" e que tenham a aparência de "mulheres de verdade". Os pais transferiram para as filhas as expectativas de sucesso outrora reservadas para os filhos homens; mas a obrigação de ser linda, herdada das mães, não foi suavizada em consequência disso.

Logo, as expectativas impostas sobre uma jovem mulher que assume uma posição de liderança na dinâmica escolar aparentam ser grandes demais para o que elas podem suportar de forma saudável. Entretanto, por mais que exista essa pressão para que elas sejam aparentemente essas "boas meninas", pelo menos na perspectiva dos adultos, pais ou professores, o que as séries mostram com frequência também é como elas abusam do poder que elas ganham por serem populares para subjugar aqueles que estão abaixo delas na pirâmide social. Grande parte das aparições da Cordelia na primeira temporada de *Buffy* é fazendo comentários maldosos sobre os protagonistas que são vistos como menos populares que ela.

Em *Glee*, já no primeiro episódio, as 3 personagens *cheerleaders* mais relevantes para o enredo aparecem postando comentários maldosos nas redes sociais da protagonista e, no passar da temporada, continuam apresentando falas cruéis. A maneira como representam a Vic, de *Freaks and Geeks*, já é mais sutil, mas ainda assim se referem a ela como "mandona" e "lobo em pele de cordeiro".

Esta dinâmica de humilhação do outro vindo das *cheerleaders* se conecta muito a ideia de que a mulher precisa se provar nessa sociedade patriarcal e utiliza da subjugação do outro para aparentar superior, como artifício para atender os padrões irreais esperados dela. Especialmente quando essa atitude inferiorizadora é direcionada a outras mulheres, que é o que mais vemos em *Buffy* e *Glee*, podemos enxergar o sistema de embate entre mulheres que é incentivado pelo olhar masculino.

Como as nossas experiências comuns da demonstração de interesse se originam na maioria das vezes de homens reagindo à nossa beleza, não é de surpreender que mulheres que nos observam em silêncio possam nos ser apresentadas como antagonistas. (WOLF, 1992, p.383)

Seria injusto não mencionar que a maioria dessas personagens possui pelo menos um momento de vulnerabilidade em que a narrativa parece buscar fazer com que tenhamos ao menos alguma identificação com elas. Muitas vezes até pelo fato de serem pressionadas a serem perfeitas ou pelos ônus que a posição de popularidade pode trazer por trás da imagem de sucesso, como quando Vic comenta que é solitário ser ela, já que todos só a querem agradar e não conhecem ela de verdade. Entretanto, no caso da Vic e da Cordelia esse momento de vulnerabilidade é bem passageiro, seguido logo de um comentário que retorna para a posição de superioridade delas.

E mesmo no caso de *Glee* que vemos mais um arco narrativo humanizando as *cheerleaders* o que aparenta é que essas personagens são justamente uma exceção à regra. Como se a maioria das *cheerleaders* fossem por norma más e superficiais, tanto que é assim que elas são apresentadas de início, mas como essas personagens atravessaram pelas situações que vemos na série, suas personalidades mudaram devida a suas identidades pararem de ser somente vinculadas ao *cheerleading* e passarem a estar também vinculadas ao coral.

4. UMA PERSPECTIVA DIFERENTE PARA A MÍDIA *MAINSTREAM*

Em meio a essas representações um tanto engessadas do que é ser *cheerleader*, vemos em 2020 o surgimento de uma série completamente voltada para esse tópico: a docussérie¹⁷ *Cheer*. Através da lente documental, ela apresenta um tipo de vivência do esporte que não estamos acostumados a ver reproduzida em grandes produtos audiovisuais, mais próxima da demanda física e emocional da atividade física, e ataca pontos importantes sobre como os estereótipos afetam a vivência de atletas reais.

Tais representações contrárias a massa são de extrema importância para a alteração da mentalidade popular, pois assim como Barthes (2001, p.142) afirma, “não existe nenhuma rigidez nos conceitos míticos: podem construir-se, alterar-se desfazer-se, desaparecer completamente. E é precisamente porque são históricos, que a história pode facilmente comprimi-los”. Logo, visões midiáticas menos engessadas sobre o que é associado ao *cheerleading* tem o poder de desconstruir os papéis de gênero relacionados ao esporte.

4.1 A série *Cheer* e a realidade parcial dos documentários

A série documental *Cheer*, exibida pela plataforma de streaming Netflix, acompanha a temporada de time de *cheerleading* da Universidade de Navarro, no Texas. Em sua primeira temporada, a única utilizada para análise neste trabalho, a equipe documental acompanha os treinos, os eventos e parte das vidas pessoais dos atletas e treinadores enquanto o time se prepara para a competição nacional que aparece nos últimos episódios.

É válido ressaltar que em nossa análise das séries com a *tag cheerleader* no IMDb, *Cheer* foi a única classificada com o gênero "documentário". Isso não significa que não exista a possibilidade de terem outras séries documentais que apresentem o *cheerleading*, mas pelo que vimos a partir dessa amostragem, é improvável que seja um número expressivo em relação a quantidade de séries fictícias que apresentam essa atividade.

17 Termo utilizado para seriados do gênero documental.

Essa temporada de estreia do seriado, lançada em 2020, teve resultados de grande relevância na indústria audiovisual. Ela conquistou múltiplos *Emmys*¹⁸, maior prêmio para programas de televisão, teve uma ótima recepção da crítica – 97% de aprovação no Rotten Tomatoes¹⁹ e a melhor classificação no Metacritic, “*Universal Acclaim*”²⁰ – e seu elenco teve também grande propulsão na mídia, fazendo aparições em premiações e em influentes programas de entrevista estadunidenses.

Além disso, de acordo com os dados recolhidos pela empresa Parrot Analytics, que reúne diversas informações sobre a relação dos consumidores com os seriados, a série *Cheer* se mantém relevante com o público mesmo tendo se passado mais de um ano da estreia da sua mais recente temporada. De acordo com o site, nos estados unidos, ela está inclusa nos 8,6% de séries mais demandadas pelo público e nos 5% dos documentários mais demandados.²¹

No Brasil essa demanda já é menor comparada a outras séries, mas ainda assim aparece no top 10% do gênero documental.²² Isso pode ser um reflexo, além do fato do Brasil não ter uma cultura de *cheerleading* como nos EUA, do hábito de consumo brasileiro não ser tão voltado para o gênero documental. Um estudo feito pela Telecine, mostra que documentários é o gênero menos assistido por brasileiros quando comparado a filmes, séries, notícias, esportes e novelas.²³

Portanto, vemos que essa série teve resultados muito positivos e até mesmo sua renovação para uma segunda temporada pode ser visto como um indicativo deste sucesso. Este alcance é de grande importância quando se pensa na sua capacidade de desconstruir estereótipos nas mentes dos espectadores, já que ela traz uma perspectiva diferente da que se costuma encontrar na mídia audiovisual sobre o *cheerleading* e seus praticantes.

18 “Cheer Awards & Nominations”, *Television Academy And Emmys*, 2022, <https://www.emmys.com/shows/cheer#awards>

19 “Cheer: Season 1 (2020)”, *Rotten Tomatoes*, 2022, <https://www.rottentomatoes.com/tv/cheer/s01>

20 “Cheer (2020): Season 1”, *Metacritic*, 2022, <https://www.metacritic.com/tv/cheer-2020/season-1>

21 “United States TV audience demand for Cheer”, *Parrot Analytics*, 2023, <https://tv.parrotanalytics.com/US/cheer-netflix>

22 “Brazil TV audience demand for Cheer”, *Parrot Analytics*, 2023, <https://tv.parrotanalytics.com/BR/cheer-netflix>

23 “Do cinema para os lares, os filmes não perdem o papel principal”, *Gente Globo*, 2021, <https://gente.globo.com/estudo-do-cinema-para-os-lares-os-filmes-nao-perdem-o-papel-principal/>

Um aspecto da série que é muito pertinente para sua credibilidade aos olhos do público é justamente ser documental. Trazer falas de pessoas que vivenciam a realidade do esporte faz com que o público acredite na veracidade das informações que o produto traz. Esta suposta representação mais fiel da vida real carrega um potencial maior de desconstruir a visão que é impregnada na cabeça das pessoas através da repetição em grande parte da mídia de massa.

Paula Sibilia (2007, p.170) fala sobre essa busca maior da mídia por se conectar aparentemente com a vida real, afirmando que “Cada vez mais, a mídia reconhece e explora o forte apelo implícito no fato de que aquilo que se diz e se mostra é um testemunho vivencial: a ancoragem na “vida real” torna-se irresistível.”

Além disso, trazer depoimentos de especialistas sobre o assunto também ajuda a dar credibilidade para o produto. No lugar de figura de autoridade, um dos principais entrevistados na série que não estão envolvidos na trama principal é a professora Natalie Guice Adams, que ensina estudos sociais e culturais na Universidade do Alabama e é coautora de um livro sobre a história do *cheerleading*. Para um trabalho acadêmico, é relevante ter a voz de uma professora pesquisadora sobre o assunto para auxiliar nessa perspectiva sobre o esporte.²⁴

Bill Nichols (1991, p.111, tradução nossa) encara o documentário como sendo menos sobre “uma história e seu mundo imaginário do que um argumento sobre o mundo histórico”²⁵ e esses fatores como vozes de autoridade e depoimentos pessoais são formas de acrescentar a esse argumento geral que o produto está buscando fazer sobre seu tema de interesse, no caso, o *cheerleading*.

Assim sendo, não é prudente ser ingênuo a ponto de acreditar que a linguagem documental pressupõe uma honestidade e nem mesmo que ela tem a capacidade de ser uma representação fiel da vida real. Júlio Bezerra (2010, p.3) aponta algumas características que os pensadores do cinema direto acreditavam tornar um documentário desonesto a realidade.

O que tornava os documentários falsos, na visão de Drew e Leacock, não era somente a encenação, prática corrente no jornalismo audiovisual, mas,

24 “Natalie G. Adams”, *University Press of Mississippi*, 2023, <https://www.upress.state.ms.us/Contributors/A/Adams-Natalie-G>

25 “At the heart of documentary it is less a story and its imaginary world than an argument about the historical world.”

sobretudo, a narração e a música que costumavam ser utilizadas para dar mais espessura dramática à produção.

Por mais que *Cheer* não faça recriações encenadas nem narração, ela carrega outros fatores como música, comentado nesse trecho, e entrevistas, que também eram evitadas por cineastas do cinema direto por supostamente interferirem na realidade (BEZERRA, 2010). Esses já são indicativos primários de que há algum tipo de manipulação do material com o objetivo de passar uma mensagem específica, mas existem diversas outras questões.

É preciso considerar que é possível que haja uma intervenção ativa da equipe de produção por trás das câmeras e levar em conta que há uma aparente necessidade de construção de uma narrativa linear para se ter um bom consumo em meio a hegemonia de séries fictícias e de *reality shows*. O que conversa com a visão de Nichols (1991, p.125) sobre o documentário ser um “argumento sobre o mundo, ou representação no sentido de colocar evidência na frente de outros para transmitir um ponto de vista particular”.

Mesmo que desconsiderássemos esses fatores, ainda assim, o próprio recorte que o documentário traz vai, independentemente de ser uma escolha consciente ou não, influenciar a maneira como o espectador se relaciona com o assunto e por estar recortando, o que é inevitável, já não vai ser uma representação completa.

A objetividade não surge para negar a subjetividade, mas por reconhecer a sua inevitabilidade. O conceito de “objetividade”, que passou a ser adotado no campo do jornalismo no início do século XX, está ligado originalmente à ideia de que os fatos são construídos de forma tão complexa que não se pode cultuá-los como a expressão absoluta da realidade. (BEZERRA, 2010 p.11)

No caso de *Cheer* além desse recorte intencional, também vemos um claro enredo linear e a influência da equipe se faz palpável através das entrevistas e de momentos que deixaram no produto final em que os próprios personagens se referem às filmagens. Por exemplo, quando dois personagens pedem para a equipe não filmar uma conversa entre eles e em outra cena quando uma entrevistada sugere que recomecem o take porque o celular da mãe dela começou a tocar durante seu depoimento.

Ou seja, a linguagem documental não é uma representação infalível, até porque, sob esse conceito de que qualquer recorte pressupõe uma alteração na autenticidade das experiências vividas por quem está sendo filmado, é provável que não haja como se ter qualquer tipo de representação que seja puramente fiel a realidade. Julio Bezerra (2010) fala sobre como não é possível captar a realidade pois não existe “um mundo lá fora”, para além das câmeras, como os teóricos do cinema direto pareciam acreditar. O autor defende que é impossível captar a realidade pois ela não é única, ela é plural e depende diretamente da maneira como a enxergamos e a definimos através da nossa linguagem.

Todavia, é aparente que a maneira como a série *Cheer* trata o esporte e seus atletas é muito mais multifacetada que as outras representações de personagens *cheerleaders* que vimos nesse estudo e que é possível encontrar em grande parte dos produtos midiáticos. Como espectadores, vemos um enfoque muito maior no esporte e nas consequências positivas e negativas que ele têm sobre os corpos e as vidas de seus atletas e mergulhamos na profundidade que os personagens carregam. Acompanhamos suas frustrações e suas conquistas, conhecemos seus passados e seus sentimentos e nos distanciamos do arquétipo de líder de torcida como uma menina popular, superficial, sexualizada e má.

Além disso, vemos realmente o esporte de perto, o que faz com que ser *cheerleader* seja apresentado menos como uma posição social e mais como uma função atlética. Temos uma desglamourização do *cheerleading*, mostrando que ao contrário do que muitos pensam, não é só “uma atração secundária que existe para animar a torcida e ser bonito” como o dono de um dos maiores ginásios de *cheerleading* no mundo comenta na série que é assim que costumam encarar a atividade. Na verdade, é um esporte que necessita de muito treino e é extremamente demandante fisicamente, sendo, de acordo com *Cheer*, a atividade atlética feminina que tem o maior número de lesões catastróficas.

Em todo episódio aparece cenas sobre dores constantes e lesões dos atletas, até mesmo no dia da competição. Afirmações como “minha quinta concussão, é *cheerleading* e isso é normalmente o que é preciso pra ficar perfeito” (CHEER, 2020) e “não sinto meu corpo por causa da dor” (CHEER, 2020) ajudam a demonstrar que a experiência que eles tem com o esporte é muito diferente do que vemos em outras séries.



Figura 9 – Menina recebendo assistência médica.

Fonte: Captura de tela da série *Cheer* (episódio 5, temporada 1, 00:04:17).

4.2 “Confirmando” e negando os estereótipos

Alguns dos principais estereótipos sobre *cheerleaders* que tratamos nessa pesquisa giram em torno de que são quase que exclusivamente meninas, que são superficiais e fúteis, que são extremamente focadas na aparência, que se importam muito em se manter no topo da hierarquia social e que usam dessa posição para diminuir os outros através de comentários maldosos e bullying. Buscamos entender então como a série *Cheer* lida com cada uma dessas concepções através do que ela representa e até mesmo de como seus personagens comentam sobre esses preconceitos.

Passando da história à natureza, o mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do inviável imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias. (BARTHES, 2001, p. 163-164)

Como Barthes fala nesse trecho, esses estereótipos, que não passam de mitos, possuem uma força inerente por se apresentarem como uma versão simplificada da realidade e isso só se fortalece quanto mais esses mitos são repetidos. Buscamos entender então como a série *Cheer* lida com cada uma dessas

concepções através do que ela representa e até mesmo de como seus personagens comentam sobre esses preconceitos.

A aparente exclusividade feminina no esporte é um dos estereótipos mais claramente desmantelados pela série. Temos um personagem, La'Darius, que comenta sobre essa visão e sobre como por muito tempo ele mesmo não sabia que existia a possibilidade dele, como homem, ser *cheerleader*. “Eu nunca tinha visto *cheerleaders* homens na vida. Então nem pensava que existissem até ver um vídeo. E pensei: “Minho nossa. Isso é *cheerleading*? Eles pegam gente saltando no ar? Eles dão essas piruetas aí?” Eu nunca vi nada assim.”

Dentro dessa ideia do pensamento popular de ser uma atividade exclusivamente ou, pelo menos, idealmente feminina, encontramos outra questão abordada pelo mesmo personagem, que é o preconceito com homens que realizam a prática. La'Darius comenta sobre como quando ele passou a praticar *cheerleading* outros meninos, incluindo seus irmãos, passaram a chamar ele de insultos relacionados a ser homossexual, pois como ele estava praticando essa atividade que é fundamentalmente feminina na visão de muitos, ele portanto seria feminino também e o que costumam associar a isso é ser gay, que na mentalidade preconceituosa do patriarcado, seria um insulto.

Entretanto, a série deixa bastante explícito que *cheerleaders* homens existem sim e são uma parte importante do esporte. Vemos ao longo da série inteira a presença desses atletas masculinos e acompanhamos também com proximidade a história de vida de dois deles: do próprio La'Darius e do Jerry. É válido notar que ambos são parte da comunidade LGBTQIA+, o que inicialmente pode parecer reforçar o pensamento de que não é um esporte para homens héteros, mas vemos aparições de homens que se portam de forma mais tradicionalmente masculina no time e na segunda temporada da série encontramos mais essa representatividade de homens héteros no *cheerleading* e o embate com a masculinidade.

Esse mergulho nos passados e nos sentimentos dos atletas, mostrando o que eles já passaram para chegar nesse time de prestígio e nos embates internos que eles enfrentam em relação ao esporte demonstra que possuem uma profundidade emocional e prioridades mais sérias do que vimos nos seriados fictícios analisados. Essas representações mais multifacetadas e mais deslocadas do senso-comum são de extrema importância no embate contra os mitos quando pensamos que “os estereótipos ambicionam impedir qualquer flexibilidade de pensamento na

apreensão, avaliação ou comunicação de uma realidade ou alteridade, em prol da manutenção e da reprodução das relações de poder, desigualdade e exploração” (FREIRE FILHO, 2004, p.47).

O fato da docusérie mostrar um time de *cheerleading* deslocado do ambiente de ensino médio já ajuda a desmontar muitos dos estereótipos de uma certa infantilidade e futilidade carregada por *cheerleaders*. O ambiente universitário, além de ser formado por alunos mais velhos, tem uma estrutura menos fechada que o ambiente escolar, é mais difícil aplicar uma hierarquia social tão definida quando o ambiente é muito mais amplo e não se interage sempre com as mesmas pessoas. Portanto, fica mais fácil enxergar que esses atletas não são *cheerleaders* apenas por popularidade e status social.

Um ponto interessante, no entanto, é como a série representa a relação das atletas femininas com a autoimagem e a cobrança externa em cima de seus corpos. Em um momento do primeiro episódio três atletas do time estão desempacotando uma balança e conversando no quarto de uma delas sobre seus pesos. A cena começa com uma delas, Morgan, falando “espero estar magra o bastante para verem minhas costelas de uniforme [...] vamos ser pesadas no treino mesmo, então preciso saber quanto preciso deixar de comer” (CHEER, 2020) e termina após ela se pesar com sua amiga falando de forma celebratória “Você pesa menos que esta mala” (CHEER, 2020).

Em uma percepção inicial, pode parecer que a série confirma os estereótipos relacionados a importância que *cheerleaders* dão para sua aparência e que, assim como nas séries analisadas antes, isso seria um sinal de superficialidade dessas pessoas. Entretanto, a maneira como *Cheer* lida com esse tópico é menos uma forma de criticar as personagens e botá-las em caixas por terem essa relação com seus corpos e mais de explorar o contexto que faz com que isso aconteça. Essa cena citada no último parágrafo serve de exemplo para como elas são demandadas pela cultura do esporte uma certa forma física e como elas internalizam essas expectativas.

Essa cena mostra muito como a pressão da beleza realmente afeta as *cheerleaders*. Como aquelas que estão na posição de *flyer*²⁶ são levantadas por outras pessoas, é evidente que o peso delas vai influenciar na proficiência do time,

26 *Flyer* é a posição no *cheerleading* de quem é levantado nas elevações humanas.

mas vemos através de falas como essas, idealizando uma ideia de magreza extrema a nível estético, não de saúde ou nem necessariamente leveza, que vai além de querer ser ideal para o esporte. Naomi Wolf (1992, p.12) fala sobre como esses padrões introjetados enclausuram as mulheres: “existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle”

Ao longo da temporada aparecem variadas cenas que tocam nesse mesmo tema. Quando uma atleta, Gabi, está falando com sua mãe pelo celular e esta sugere que ela faça uma dieta na qual ela comeria jaca e ficaria de 10 a 12 horas sem comer depois. Quando durante um treino Monica, a treinadora, fala para os meninos irem treinar e para as meninas irem exercitar seus abdomens para ficarem bonitos no novo uniforme. Quando em uma entrevista Monica afirma que “as pessoas esperam que estejam arrumadas o tempo todo. Às vezes se surpreendem quando as veem no treino” (CHEER, 2020).



Figura 10 – Menina fazendo abdominais após Monica mandar.

Fonte: Captura de tela da série *Cheer* (episódio 2, temporada 1, 00:28:12).

Todas essas cenas corroboram o ponto de que essas meninas se importam tanto com a própria imagem não por serem intrinsecamente fúteis, como outras representações midiáticas podem fazer parecer, mas por terem uma pressão constante sobre o peso e aparência delas.

É possível observar que essa pressão estética se relaciona com as representações de *cheerleaders* nas séries de ficção que analisamos, como em *Uma Família da Pesada* quando as personagens falam sobre serem magras e insinuam serem bulímicas. Isso mostra que não necessariamente esses estereótipos não possam ter uma conexão com a realidade, mas é importante entender que, em geral, são exageros para subjugar as mulheres, para que com essa consciência possamos tratar assuntos importantes como esse com seriedade.

Mesmo que os regulamentos do esporte hoje em dia não sejam tão estritos em relação a gênero e vestimenta e os próprios profissionais da série falem que o uniforme e maquiagem não são tecnicamente considerados, ainda assinalam ter uma cobrança em cima disso por existirem aspectos subjetivos no julgamento que podem ser influenciados pela aparência do time. E observamos como isso afeta de forma mais forte as meninas da série, por exemplo quando falam que os meninos estão dormindo enquanto elas fazem maquiagem e que demoram de duas a três horas para se arrumarem. “A ocupação com a beleza, trabalho inesgotável, porém efêmero, assumiu o lugar das tarefas domésticas, também inesgotáveis e efêmeras” (WOLF, 1992, p.20).



Figura 11 – Morgan se olhando no espelho após se arrumar.

Fonte: Captura de tela da série *Cheer* (episódio 5, temporada 1, 00:32:36).

Em uma cena de entrevista do segundo episódio, Mônica fala sobre Morgan: “não tinha experiência de nível universitário, mas tinha a aparência que eu queria

que tivessem, então... Não que precise da aparência, mas... somos julgados com base na impressão geral” (CHEER, 2020) e logo em seguida parece corrigir o que estava falando com “no final das contas, você entra na equipe com base no potencial e às vezes pego pessoas que podem não ter muita habilidade esperando que eu possa moldá-los em grandes *cheerleaders* universitários e ela é uma desses” (CHEER, 2020).

Por mais que ela volte um pouco atrás no que estava comentando sobre esperar um certo tipo de visual, essa fala parece deixar entendido que em algum nível a aparência é relevante. Isso atesta sobre as expectativas depositadas sobre o corpo da mulher, que para ter mais oportunidades precisa se conformar ao ideal de beleza. Entretanto, não presenciamos essa mesma pressão sendo imposta aos homens da série.

A principal questão que aparece sobre o corpo masculino na temporada é em relação a Jerry, que é um personagem retratado buscando diminuir o seu sobrepeso. Todavia, só vemos ele dizendo que quer emagrecer, não vemos outras pessoas de sua convivência falando sobre seu corpo e nem mesmo ele fazendo comentários sobre essa vontade de alterar sua aparência ter uma motivação externa, em relação ao esporte. Essa representação faz sentido quando consideramos que o mito da beleza foi criado para podar a força feminina.

Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência unicamente da necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contra-ofensiva contra as mulheres. (WOLF, 1992, p.16)

Portando, por mais que vejamos presente na experiência desses personagens alguns estereótipos que são reproduzidos na maioria das representações de *cheerleaders* em séries adolescentes, isso não significa que a série está propriamente confirmando eles. A história de uma pessoa, mesmo que real, não pode fielmente exemplificar as experiências dos milhões de *cheerleaders* que existem nos EUA e no mundo, principalmente quando recortada para um produto midiático.

Além disso, clichês são teoricamente uma representação da maioria e como essa série está contestando com experiências de pessoas reais várias das ideias sobre *cheerleaders* que a mídia reforça, ele já está de certa forma defendendo que

não se pode confiar nos estereótipos. Logo, mesmo que ele demonstre que algumas dessas características que vimos podem ser aplicadas à experiência desses personagens em alguma escala, seu conceito geral mostra que essa não é necessariamente a vivência de todos os atletas do esporte.

Justamente porque o ponto não é que partes do arquétipo de *cheerleader* não possam ser representativas da experiência de algumas pessoas, mas como Chimamanda Ngozi Adichie (2009, p.13) diz “o problema com estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo do trabalho, o *cheerleading* é uma atividade que enfrenta questões de gênero desde seu início, primeiro com a exclusão das mulheres, depois com a resistência que sofreram para serem incluídas e mais recentemente, a partir de meados do século XX, com a mudança na visão social sobre a prática devido a ter se tornado predominantemente feminina. As representações midiáticas que analisamos de séries fictícias demonstram como o audiovisual colaborou para a consolidação e perpetuação desses estereótipos.

E percebemos então como a série *Cheer* nos serve de exemplo de um formato que podemos buscar em produções audiovisuais futuras para combater esses clichês que vêm sendo consolidados há décadas. Mesmo que os enfoques desse seriado sejam baseados em sua busca de construir uma narrativa, como a maioria das séries de sucesso, só de apresentar os personagens desde o começo sem serem inspirados primariamente nos arquétipos de *cheerleader*, já traz um ar novo e esperançoso para o horizonte das representações desse esporte.

Ela traz um ponto de vista significativo para auxiliar na desconstrução da ideia de que feminilidade pressupõe essas características negativas cultuadas na maioria das representações de *cheerleaders*, como serem superficiais e venenosas. Vemos essas atletas carregando muito mais claramente características como disciplina, coragem e determinação, acompanhando a evolução do papel da mulher na sociedade. A professora Natalie G. Adams comenta sobre essa evolução da figura da mulher em relação ao *cheerleading* na série.

Quando *cheerleading* virou uma atividade feminina nos anos 1950 as regras para ser *cheerleader* estavam associadas à ideia de quem era vista como a queridinha dos EUA. Mas os papéis de gênero estão mudando. Nos anos 50, essa garota sabia que seu lugar era na lateral, agora não é mais o caso, ela é muito confiante, durona, atlética. (CHEER, 2020)

Todavia, é relevante perceber também que o seriado não se limita de apresentar a feminilidade, como se a solução fosse mostrar que não existe feminilidade no *cheerleading*. Essa faceta aparece tanto através de suas personagens mulheres quanto homens, a diferença é que ele retrata que ser feminino não significa ser vazio de propósito e complexidade. Perspectiva importante se consideramos que a “liberação dos estereótipos de gênero não pode se dar a

partir da aproximação pura e simples com a esfera da masculinidade, como se residisse apenas nesse lócus toda possibilidade de emergência de mulheres fortes” (CASTELLANO; MEIMARIDIS, 2018, p.19).

A ascensão de novos veículos e lugares de fala nas últimas décadas, especialmente através das redes sociais vêm auxiliando que pautas minoritárias e experiências subjetivas estejam ganhando mais espaço na mídia como um todo. Essa propulsão faz com que esses tipos de narrativa que desconstroem estereótipos e alertam para os efeitos deles tenham um incentivo maior para serem produzidos.

É preciso estar atento, ainda, para alterações dentro da própria paisagem da chamada grande mídia, constrangida, em muitos casos, a rever discursos e representações sobre o social, sob influxo de mudanças históricas, protestos de grupo de pressão e identificação de novos nichos mercadológicos (FREIRE FILHO, 2004, p.64-65)

Dessa forma, além de contar ingenuamente com uma ideal boa vontade de quem cria e produz audiovisual para fazerem produtos mais progressivos, esses resultados positivos da série *Cheer* podem demonstrar que existe justamente um mercado para esse tipo de produto, o que serve de incentivo monetário para as empresas buscarem mais esse tipo de narrativa.

É importante notar que um produto apenas não é o suficiente para desconstruir ideais que vêm sendo carregados desde o século passado. A série serve de grande ajuda para a busca dos *cheerleaders* pelo respeito que lhes é tirado pelos clichês repetidos massivamente na mídia, mas não seria possível ela reproduzir a ampla gama de experiências que existem dentro desse esporte. Além disso, por mais que ela apresente uma maior profundidade em seus personagens é possível perceber que a necessidade de uma narrativa coerente ao longo da temporada faz com que cada um tem traços de suas personalidades e histórias que são mais focados para gerar mais identificação com o público.

Entretanto, mesmo com suas ressalvas, a boa recepção dessa série abre possibilidade e incentiva que outras produções apareçam com a intenção de representarem o esporte com uma visão tão próxima quanto ou até mais próxima da experiência de pessoas reais que vivem o esporte. Essas vivências muitas vezes

envolvem uma quantidade maior de desafios físicos e psicológicos do que aparecem na maior parte das séries.

Um número maior de filmes e séries que busquem reproduzir essas experiências ajudariam a mostrar o quão variadas podem ser as histórias dos atletas de *cheerleading* e suas personalidades. Até mesmo de maneira mais ampla, é possível que, com o sucesso dessa série, vejamos outras produções que estejam investidas em desconstruir os mais diversos estereótipos através da linguagem documental.

Essa maior variedade nas representações, especialmente se carregarem esse tom mais multifacetado e aprofundado, é de extrema importância para a desmistificação da atividade. Para que, dessa forma, essas outras visões sobre a atividade possam se espalhar pelo mundo, permitindo que mais pessoas conheçam o que é o esporte *cheerleading* atualmente, despido dos estereótipos danosos, e ajudando no crescimento dessa prática, até mesmo em solos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Tradução: Julia Romeo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ARRONIZ, L. **Um espaço inscrito no tempo**: a interdiegese dos games como cena virtualmente expandida. 170 f. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

BARTHES, R. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza, 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BEZERRA, Júlio. **O Mundo Lá Fora**: O cinema direto e o novo jornalismo. Santa Catarina: UFSC, 2010.

BRASIL. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/07/14-anuario-2022-violencia-sexual-infantil-os-dados-estao-aqui-para-quem-quiser-ver.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

BUFFY: a Caça-Vampiros (Primeira temporada) [Série de TV]. Estados Unidos: Mutant Enemy; Kuzui Enterprises; Sandollar Television, 1997-1998.

CASTELLANO, M.; MEIMARIDIS, M. "MULHERES DIFÍCEIS": A anti-heroína na ficção seriada televisiva americana. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. ID27007, 2018. DOI: 10.15448/1980-3729.2018.1.27007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27007>. Acesso em: 08 mai. 2023.

CHEER. [Série de TV]. Estados Unidos: Boardwalk Pictures; Caviar; One Potato Productions, 2020.

CHEER ONE CHANNEL (Brasil). "História do cheer brasileiro | Os primeiros passos de um esporte nascente". **Cheer One Channel** 2018. Disponível em:

<http://cheer1.com.br/os-primeiros-passos-de-um-esporte-nascente/>. Acesso em: 22 set. 2021.

CHEER ONE CHANNEL (Brasil). “Pesquisa: quanto cresceu o cheer até 2020?”. **Cheer One Channel** 2020. Disponível em: <http://cheer1.com.br/pesquisa-quanto-cresceu-o-cheer-ate-2020/> Acesso em: 22 set. 2021.

ESPÍRITOS na Escola (Primeira temporada) [Série de TV]. Estados Unidos: Awesomeness Studio; Paramount+, 2023.

FREAKS and Geeks (Primeira temporada) [Série de TV]. Estados Unidos: Apatow Productions; DreamWorks Television, 1999-2000.

FREIRE FILHO, J. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Eco-pós**, v. 7, n. 2, 2004, p. 45-71.

GLEE: em Busca da Fama. (Primeira temporada) [Série de TV]. Estados Unidos: Brad Falchuk Teley-Vision; Ryan Murphy Productions; 20th Century Fox Television, 2009.

GRINDSTAFF, L. A. “Cheerleading”. **Britannica**, 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/sports/cheerleading> Acesso em: 10 out. 2022.

HANSON, M. E. **Go! Fight! Win!**: Cheerleading in American Culture. Bowling Green: Bowling Green State University Popular Press, 1995.

HANSON, Mary-Ellen. Cheerleaders. *In*: FORMAN-BRUNELL, Miriam. **Girlhood in America**: An Encyclopedia. New York: ABC-CLIO, 2001. p.103-107.

HOLMES, P. E. “Letter to Chief State School Officers, Title IX Obligations in Athletics”. **U.S. Department of Education**, 1975. Disponível em: <https://www2.ed.gov/about/offices/list/ocr/docs/holmes.html>. Acesso em: 21 mai. 2023.

IMDB (Estados Unidos). "Sort by Popularity - Most Popular TV Series tagged with keyword "cheerleader"". **IMDb**, 2023. Disponível em: https://www.imdb.com/search/keyword/?keywords=cheerleader&sort=moviemeter,asc&mode=detail&page=1&title_type=tvSeries&ref_=kw_ref_typ Acesso em: 11 jun. 2023.

INTERNATIONAL CHEER UNION (Estados Unidos). "2023 ICU Junior World & World Cheerleading Championship Results". **International Cheer Union**, 2023. Disponível em: https://cheerunion.org/championships/cheerleading/23wccresults-ch/#id_ece Acesso em: 02 jun. 2023.

METACRITIC (Estados Unidos). "Cheer (2020): Season 1". **Metacritic**, 2022. Disponível em: <https://www.metacritic.com/tv/cheer-2020/season-1> Acesso em: 10 out. 2022.

NATIONAL CHEERLEADERS ASSOCIATION (Estados Unidos). "About NCA", **National Cheerleaders Association**, 2022. Disponível em: <https://www.varsity.com/nca/about/> Acesso em: 02 jun. 2023.

NICHOLS, Bill. **Representing Reality: Issues and Concepts in Documentary**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

PEYSER, M. "What the IOC's recognition of cheerleading means for the sport and its athletes". **Fox Sports**, 2021. Disponível em: <https://www.foxsports.com/stories/olympics/international-olympic-committee-recognizes-cheerleading-international-cheer-union-sport> Acesso em: 22 set. 2021.

ROTTEN TOMATOES (Estados Unidos). "Cheer: Season 1 (2020)". **Rotten Tomatoes**, 2022. <https://www.rottentomatoes.com/tv/cheer/s01> Acesso em: 10 out. 2022.

ROYEL, D. "The NFL's 10 Best Cheerleading Squads". **CNBC**, 2013. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2011/01/27/The-NFLs-10-Best-Cheerleading-Squads.html> Acesso em: 10 out. 2022.

TELEVISION ACADEMY AND EMMYS (Estados Unidos). “Cheer Awards & Nominations”. **Television Academy And Emmys**, 2022. Disponível em: <https://www.emmys.com/shows/cheer#awards> Acesso em: 10 out. 2022.

UMA FAMÍLIA da Pesada (Primeira Temporada) [Série de TV]. Estados Unidos: Fuzzy Door Productions; Fox Television Animation, 1999-2000.

USACHEER (Estados Unidos). “History of Cheerleading”. **USACheer**, 2022. Disponível em: <https://usacheer.org/history-of-cheerleading#:~:text=The%20first%20known%20organized%20cheers,Tiger%2C%20Tiger%2C%20Tiger> Acesso em: 10 out. 2022.

USACHEER (Estados Unidos). “USA Cheer’s Position Paper on Cheer Safety & Title IX”. **USACheer**, 2023. Disponível em: <https://usacheer.org/safety/positionpaper> Acesso em: 18 abr. 2023.

U.S. ALL STAR FEDERATION (Estados Unidos). “2023-2024 USASF Cheer Rules”. **U.S. All Star Federation**, 2023a.

U.S. ALL STAR FEDERATION (Estados Unidos). “Open Division Announcement”. **U.S. All Star Federation**, 2023b.

VARSITY SPIRIT (Estados Unidos). **2022-2023 United Scorig System – Scoring Rubric**. Varsity Spirit, 2022.

VARSITY SPIRIT (Estados Unidos). **About Varsity Spirit**. Varsity Spirit, 2021. Disponível em: <https://www.varsity.com/about/> Acesso em: 22 out. 2021.

WOLF, N. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

APÊNDICE – TABELA DE SÉRIES

Tabela de apresentação das séries utilizadas na pesquisa, com títulos e ano de exibição (de acordo com o IMDb).

	Título	Ano de lançamento
1	Uma Família da Pesada	1999
2	Buffy: A Caça-Vampiros	1997
3	Freaks & Geeks	1999
4	Glee: Em Busca da Fama	2009
5	Espíritos na Escola	2023
6	Heróis (II)	2006
7	Blue Mountain State	2010
8	Sabrina, a Aprendiz de Feiticeira	1996
9	Degrassi: A Próxima Geração	2001
10	O Incrível Mundo de Gumball	2011
11	Galera do Barulho	1989
12	10 Coisas que Eu Odeio em Você	2009
13	Kim Possible	2002
14	Daria	1997
15	Popularidade	1999
16	Não Provoque	2019
17	Bella e os Bulldogs	2015
18	Hit the Floor	2013
19	Red Band Society	2014
20	Cheer	2020
21	Hellcats: Líderes de Torcida	2010
22	2gether	2020
23	A Nova Escola do Imperador	2006
24	South of Nowhere	2005
25	Dallas Cowboys Cheerleaders: Making the Team	2006
26	1st & Ten	1984

27	Lloyd no Espaço	2001
28	Foursome	2016
29	Monster High	2010
30	Quintuplets	2004
31	ZOMBIES: The Re-Animated Series	Não especificado
32	Ninguém Mandou Se Meter com a Gente	2022
33	Trollz	2005
34	Raki suta: Lucky Star	2007
35	Two-A-Days: Hoover High	2006
36	The Most Popular Girls in School	2012
37	Cheerleaders	2013
38	Cheer Perfection	2012
39	Hugtto Precure	2018
40	Anima Yell!	2018
41	Strike!	2018
42	Eryna Bella	Não especificado
43	America's Hottest Cheerleaders	2013
44	Secret Diary of an American Cheerleader 4: Cheerleader Undercover	2016
45	Cheerleaders	2015
46	In Our Lives	1981
47	Wildgirls	2013
48	The Zombie Cheerleader Show	2009
49	Blog Party	2007
50	Fun with Dad	2013
51	I Want to Look Like a High School Cheerleader Again	2007
52	The Zombie Cheerleader's School of Horror	2005
53	Catholic Cheerleaders for Satan	2011
54	NFL Cheerleader Playoffs	2006